

Histórias de Reis e Rainhas



Tradução
Eduardo Brandão



Copyright © 2007 by Éditions Milan

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:
Histoires de rois et reines

Tradução do conto “Os doze irmãos”:
Sergio Tellaroli

Revisão:
Ana Maria Barbosa
Adriana Moreira Pedro

Composição:
Lilian Mitsunaga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias de reis e rainhas / tradução Eduardo Brandão —
São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2010.

Título original : Histoires de rois et reines.
Vários autores.
ISBN 978-85-7406-427-7

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

10-03845 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br



Histórias de Reis e Rainhas



9

Os doze irmãos

Conto dos irmãos Grimm traduzido por
Sergio Tellaroli e ilustrado por Sébastien Mourrain



21

A égua do Juca

Conto de Cécile Gagnon
ilustrado por Sylvain Bourrière



27

A história do rei Sabur e seu filho

Conto árabe adaptado por Jean Muzi
e ilustrado por Amélie Dufour



39

O vaso no fundo do lago

Conto armênio
ilustrado por Élodie Balandras



43

O carro que anda sozinho

Conto adaptado por Anne Jonas
e ilustrado por Amélie Dufour



55

Shh! O rei está descansando!

Conto de Geneviève Noël
ilustrado por Sylvain Bourrière



61

O bobo da corte

Conto da Europa Central
ilustrado por Isabelle Chatellard



65

O grifo

Conto adaptado dos irmãos Grimm
ilustrado por Isabelle Chatellard



77

Joãozinho e o ganso do Natal

Conto francês ilustrado
por Aurélia Fronty



83

A pastora de gansos

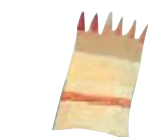
Conto adaptado dos irmãos Grimm
ilustrado por Gwen Keraval



93

O valente Meio Frango e seu rei

Conto francês
ilustrado por Élodie Balandras



101

Do que ela mais gostava

Conto adaptado por Anne Jonas
e ilustrado por Aurélia Fronty

Os doze irmãos

Tradução de Sergio Tellaroli



ERA UMA VEZ UM REI E UMA RAINHA QUE VIVIAM EM paz um com o outro e tinham doze filhos, só que todos homens. O rei, então, disse à esposa:

— Se este décimo terceiro filho que você vai trazer ao mundo for uma menina, os doze meninos terão de morrer, para que seja grande a riqueza dela e o reino lhe pertença por inteiro.

E o rei mandou fazer doze caixões, um para cada filho. Conforme o costume, os caixões foram forrados com um leito de raspas de madeira e guarnecidos de um travesseirinho de veludo para deitar a cabeça do morto. Ele



ordenou que os caixões fossem levados para um quarto fechado, cuja chave deu à rainha, determinando que ela não dissesse nada a ninguém.

Pesarosa, a mãe agora passava o dia todo sentada, até que o filho caçula, que estava sempre a seu lado e que ela batizara com um nome bíblico, Benjamin, perguntou-lhe:

— Mãezinha querida, por que você está tão triste?

— Ah, meu filho — respondeu ela —, não posso contar.

O menino, porém, não lhe deu sossego, até que ela abriu o quarto fechado e mostrou-lhe os doze caixões, já cheios de aparas. Em seguida, explicou-lhe:

— Meu querido Benjamin, seu pai mandou fazer estes caixões para você e para seus irmãos. Se eu der à luz uma menina, todos vocês serão mortos e enterrados neles.

Enquanto falava, ela começou a chorar, ao que o filho pequeno a consolou, dizendo:

— Não chore, mãezinha querida, caso nasça uma menina, saberemos o que fazer: nós vamos partir.

Ela, então, respondeu:

— Vá com seus irmãos para a floresta. Um de vocês vai subir na árvore mais alta que encontrar, para montar guarda e observar a torre do castelo. Se eu der à luz um menininho, vou hastear uma bandeira branca, e vocês poderão voltar; se for uma menininha, hasteio uma bandeira vermelha, e aí vocês vão precisar fugir o mais rápido possível, e que o bom Deus os proteja. Toda noite, vou me levantar e rezar para vocês. No inverno, para que possam se aquecer em torno de uma fogueira; no verão, para que não pereçam com o calor.



Assim, tendo ela abençoado os filhos, eles partiram em direção à floresta. Alternavam-se na vigília, cada um sentando-se no topo do carvalho mais alto e observando a torre do castelo. Passados onze dias, e chegada a vez de Benjamin, o caçula viu uma bandeira sendo hasteada: não era a branca, e sim a vermelha, anunciando que todos eles deveriam morrer. Quando os irmãos ouviram a notícia, ficaram furiosos e disseram:

— Então teremos de morrer por causa de uma menina? Pois vamos nos vingar. Onde quer que encontremos uma menina, seu sangue vermelho haverá de escorrer!



Enfiaram-se floresta adentro e, lá no meio, onde ela era mais escura, encontraram, vazia, uma pequena casinha encantada. Disseram:

— É aqui que vamos morar. Você, Benjamin, que é o mais jovem e o mais fraco, fica para cuidar da casa. Nós saímos e tratamos de conseguir alimento.

Foram-se, então, pela floresta e abateram coelhos, corças selvagens, pássaros e pombas; tudo quanto se podia comer, eles levavam para o Benjamin, que cuidava de preparar a comida, a fim de que todos pudessem saciar sua fome. Dez anos viveram juntos naquela casinha, e o tempo não lhes pareceu tão longo.

Enquanto isso, a filha que a rainha dera à luz crescera, era agora uma menina de bom coração e de belo semblante, que, na testa, exibia uma estrela dourada. Certo dia, ela viu em meio à roupa lavada doze camisas masculinas e perguntou à mãe:

— De quem são estas camisas? São pequenas demais para o papai, não são?

Ao que a mãe respondeu com o coração apertado:

— Ah, minha filha, elas pertencem a seus doze irmãos.

A menina replicou:

— Onde estão meus doze irmãos? Nunca tinha ouvido falar deles.

E a mãe lhe disse:

— Só Deus sabe. Perambulam por este mundo.

A rainha, então, levou a filha até o quarto fechado, abriu-o e mostrou a ela os doze caixões cheios de aparas e com os travesseirinhos.

— Estes caixões — explicou — foram feitos para seus irmãos, mas eles fugiram às escondidas, antes que você nascesse.

E a mãe contou à filha tudo que se passara. A menina disse:





— Não chore, minha mãe. Vou em busca de meus irmãos.

Em seguida, ela apanhou as doze camisas e se foi, a caminho da grande floresta. Andou o dia inteiro e, quando a noite caía, chegou à casinha encantada. Ao entrar, deu com um rapazinho, que lhe perguntou:

— De onde você vem? Para onde está indo?

O menino espantou-se com a beleza dela, com seus trajes reais e com a estrela que ela levava na testa. A mocinha respondeu:

— Sou filha de um rei e estou à procura de meus doze irmãos. Por onde houver céu azul quero caminhar até encontrá-los.

E ela lhe mostrou as doze camisas pertencentes aos irmãos. Benjamin viu que era sua irmã e lhe disse:

— Eu me chamo Benjamin, sou o mais novo dos seus irmãos.

Ela começou a chorar de alegria, Benjamin também, e os dois se beijaram e se abraçaram, tomados de grande amor um pelo outro. Depois, ele disse:

— Minha querida irmã, ainda temos um problema. Nós havíamos combinado que toda menina que cruzasse nosso caminho seria morta, porque foi por causa de uma menina que tivemos de abandonar nosso reino.

Ao que ela lhe respondeu:

— Pois morrerei de bom grado se com isso puder salvar meus doze irmãos.

— Não — Benjamin protestou —, você não vai morrer.

